

# CONSTRUÇÕES DE TRAJETÓRIAS: COMO O ENSINO SUPERIOR PASSA A FAZER PARTE DO CAMPO DE POSSIBILIDADES DE JOVENS MORADORES DA PERIFERIA

Edil de Souza Gonçalves <sup>1</sup>

## Resumo

A pesquisa, que dá origem a este trabalho, tem dimensão descritiva e analítica sobre os diferentes aspectos – de ordem familiar, de trajetória escolar, de sociabilidade e de culturas juvenis, mercado de trabalho, mídia, dentre outros, que convergem para a decisão de jovens, que frequentam o ensino médio, em cursar o ensino superior. A pesquisa, de caráter qualitativo, compreende duas partes: levantamento de dados documentais de políticas públicas de acesso e ampliação das vagas no ensino superior e pesquisa de campo, através de observação participante e entrevistas estruturadas, reunindo, portanto, dados de diferentes naturezas. Neste artigo, serão apresentados resultados preliminares da análise realizada sobre a pesquisa de campo com estudantes de duas escolas de ensino médio e duas instituições de ensino superior privadas na cidade de Petrópolis. O resultado das investigações aponta para a presença no imaginário desses jovens, moradores da periferia, de uma distinção social que o acesso ao ensino superior supostamente poderia conferir. No entanto, contrapõem a excepcionalidade meritocrática que caracteriza a narrativa conservadora e o advento de uma nova narrativa. Nela o ensino superior se alterna entre direito e sonho de consumo.

Palavras-chave: distinção, imaginário social, trajetória, políticas públicas.

## **TRAJECTORY BUILDINGS: HOW HIGHER EDUCATION PASSES TO BE PART OF THE FIELD OF POSSIBILITIES OF YOUNG DWELLERS OF THE PERIPHERY**

## Abstract

The research, which gives rise to this work, has a descriptive and analytical dimension on the different aspects - of family order, school trajectory, sociability and youth cultures, labor market, media, among others, that converge to the decision of Young people, who attend high school, to attend higher education. The qualitative research consists of two parts: the collection of documentary data

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação, na área de Ciências Sociais pela UNICAMP. Graduação em Pedagogia pela UERJ.

on public access policies and the expansion of vacancies in higher education and field research, through participant observation and structured interviews, thus gathering data of different natures. In this article, we will present preliminary results of the analysis performed on field research with students from two high schools in the city of Petrópolis. The result of the investigations points to the presence in the imaginary of these young people, inhabitants of the periphery, of a social distinction that the access to the superior education supposedly could impart. However, they counter the meritocratic exceptionality that characterizes the conservative narrative and the advent of a new narrative. In it, higher education sometimes presents itself as a right, sometimes as a product that can be acquired in the market.

Key words: distinction, social imaginary, trajectory, public policies.

## 1. Introdução

O presente trabalho traz uma reflexão sobre a pesquisa de mestrado em Ciências Sociais e Educação pela UNICAMP, que se encontra em andamento. A investigação foi iniciada durante o curso de especialização em Sociologia Urbana e tem como base as noções de pertencimento da população da periferia de Petrópolis com a própria cidade. Tomando como ponto de partida o interesse em relação às políticas de acesso ao ensino superior por parte dessa população, o trabalho busca compreender quais elementos presentes no imaginário social que propiciam a construção de suas trajetórias de formação. As duas linhas teóricas principais, adotadas para análise do processo de pesquisa, dialogam com a ideia de construção de imaginário social de Gilbert Durand e de campo de possibilidades de Gilberto Velho.

Com um caráter qualitativo, a pesquisa está compreendida em duas partes. A primeira parte trata-se do levantamento de dados documentais de políticas públicas de acesso e ampliação das vagas no ensino superior, tendo seu enfoque na expansão deste nível de ensino na região de Petrópolis, comparativamente com o Brasil, desde o ano 2000. Esta análise traz consigo uma gama de informações pertinentes à oferta direcionada para atender ao público de baixa renda. No entanto, as análises iniciais permitem questionar o simples fato do aumento no número de vagas, como suficiente para justificar esse interesse, ao mesmo tempo em que as políticas públicas ganham contornos de fomento à expansão de IES privadas.

A segunda parte traz a própria pesquisa de campo, através de questionários e entrevistas direcionados à vinte jovens entre 18 e 24 anos, estudantes de duas escolas públicas de ensino médio, e de duas instituições de ensino superior em Petrópolis, com o objetivo de compreender a forma como esses jovens desenvolvem sua trajetória acadêmica. Para fins deste artigo, estarão presentes considerações sobre o trabalho de campo, que estão divididas em duas seções. Na primeira seção, para que haja melhor compreensão do tema da construção de projetos de vida, torna-se fundamental situar as categorias de trajetória e campo de possibilidades, de acordo com Gilberto Velho (2003) e de Imaginário social, de Gilbert Durand (2002). A segunda seção, apresenta um breve histórico da cidade para contextualização do local e o resultado preliminar das percepções do imaginário deste público: quais perspectivas estão presentes nessa população, o que os impulsiona a buscar esse nível de formação que antes não fazia parte de seu horizonte.

## **2. Construção do campo de possibilidades e influência do imaginário social**

Os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. Por isso mesmo são complexos e os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos diferentes, até contraditórios (Velho, 2003, p. 46).

Gilberto Velho, através de sua obra “Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas” (2003), procura estabelecer uma definição que traga luz sobre os termos “campo de possibilidades” e “projeto”. Esta ação acaba por distingui-los e ao mesmo tempo propor uma forma de trabalhar as noções de unidade e fragmentação (VELHO, 2003, pág. 28). Na busca de elucidar quais são as razões que cercam esses dois fenômenos presentes na sociedade e que podem contribuir para a investigação empreendida neste artigo, os apontamentos do autor norteiam questões que envolvem categorias humanas como opções e alternativas.

O projeto está presente na vida do indivíduo de duas formas, segundo Velho (2003). De maneira pessoal e de maneira coletiva. Ambos operam dentro de situações que envolvem opções, sem que necessite de anulação entre si, ou seja, mesmo que o indivíduo interaja com o grupo em ações especificamente coletivas,

ele fará escolhas pessoais, que trarão, invariavelmente, consequências tanto para si quanto para os demais. A construção desses projetos, portanto, depende de um repertório, como o próprio autor classifica (VELHO, 2003, pág. 27-28), finito, mas repleto de variáveis e combinações. Contudo, mesmo que os projetos coletivos apontem para objetivos considerados comuns a todos os envolvidos, não há necessariamente uma unidade entre os indivíduos, pois os elementos que envolvem as opções diferem de um para o outro. Mesmo em pequenos grupos, a interpretação individual terá um grande impacto nas decisões, vindo, inclusive a fazer com que os projetos se modifiquem. À essa possibilidade, Gilberto Velho dá o nome de “potencial de metamorfose”. Pois os indivíduos podem alterar suas trajetórias, de acordo com sua possibilidade de negociação da realidade. O domínio desta performance será preponderante para que o projeto se defina de acordo com os objetivos, dependendo, também do campo de possibilidades de cada um.

A outra categoria citada, está intimamente ligada ao campo das possibilidades. As alternativas que cada indivíduo possui para fazer suas opções não depende apenas de um conjunto de fatores da sociedade, mas da maneira como estes fatores afetam a vida dos indivíduos e as significações que derivam dos mesmos. Ou seja, se por um lado os projetos de vida estão baseados nas decisões coletivas e pessoais, com seus agentes sociais diferindo sobre as opções e estabelecendo interações diversas entre si, por outro, essas escolhas são definidas pelo campo de possibilidades que são permitidas a determinados grupos ou indivíduos. Para VELHO (2003), “o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura e o processo sócio histórico” definem a gama de possibilidades presentes no campo, fazendo com que a dinâmica que envolve o que os sujeitos desejam e o que eles podem alcançar esteja diretamente ligada à forma como concebe o mundo e como interage com as demais influências.

As duas definições apresentadas pelo autor não limitam a capacidade humana à mera reprodução das condições estabelecidas, nem tampouco encerram um determinismo nas relações locais ou parentais, mas apontam para um processo de interação entre os indivíduos, nos ajudando a compreender que as sociedades não são estáticas ou monolíticas. A ação dos sujeitos, de acordo com seu exercício de conceber significados diversos aos elementos que compõem a própria sociedade, faz com que tanto os projetos de vida, de certa forma limitados pelas alternativas encontradas no campo de possibilidades, quanto o próprio campo de possibilidades, podem ser alterados. Isso demonstra que os conceitos que se

apresentam aos indivíduos podem não possuir um caráter engessado, na medida em que esses mesmos agentes dialogam com diferentes realidades. Com isso, são capazes de elaborar conceitos novos e reinterpretações de si e do coletivo, alterando inclusive a própria realidade.

Gilberto Velho estabelece também a “permanente reconstrução” dos indivíduos que os leva a uma convergência de múltiplas possibilidades que pode fazer com que se apropriem de diferentes influências e dialoguem com as realidades, como dito anteriormente, mas não se fragmentem em sua organização e sua concepção cultural. Esta concepção torna possível a defesa de uma construção de trajetórias individuais de maneira ativa, percebendo que os indivíduos não se constituem como seres meramente receptores dos conjuntos de signos culturais a que estão sujeitos, mas reinterpretem, ressignificam e negociam plenamente para alcançar seus objetivos.

Depois deste panorama, há um limite que envolve toda essa mediação de realidades. Se o campo de possibilidades – finitas – é o terreno pelo qual percorrem as trajetórias individuais e onde são forjados os projetos, há uma possibilidade bem nítida e real de que os sujeitos envolvidos nos processos de negociação com a realidade, apresentem entre si não apenas divergências, mas desigualdades. Isto é, em uma sociedade em que determinados bens culturais são estabelecidos como condição necessária para a distinção, terão mais sucesso aqueles que tem mais acesso à essas produções. Mesmo que não se confirme a existência de dominantes e dominados, mas de indivíduos com diferentes níveis de influência social (ELIAS, 1994), haverá maior ou menor dificuldade de inserção nos espaços onde esta cultura é celebrada.

Outra categoria que torna a análise importante é a de “imaginário social”, segundo Gilbert Durand (2002), que pode ser decisiva na tomada de decisões. Sua análise permite estabelecer como hipótese a emergência de uma relação entre o que está sendo ofertado com aquilo que o público-alvo parece demandar, alimentando e sendo alimentado pela própria percepção daquilo que se projeta como real e o que está no campo do abstrato.

Finalmente o imaginário não é outra coisa que este trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual reciprocamente, como magistralmente Piaget mostrou, as representações subjetivas explicam-se ‘pelas acomodações anteriores do sujeito’ ao meio objetivo (DURAND, 2002, p. 38).

Com isso, os indivíduos passam a criar através das imagens, formas de conceber a realidade que os aproximam de seus objetivos, a partir de uma situação real, que é pré-concebida e que ao mesmo tempo torna-se um terceiro elemento, derivado, mas diferente daquele que o originou. Ou seja, os estímulos sensoriais externos oferecem aos sujeitos elementos que os fazem desenvolver formas de narrativas próprias sobre as impressões que tem, atribuindo para si desejos que se assemelham àqueles que outros grupos, considerados distintos possuem, mas que são ressignificados através da interpretação da realidade, junto com seus signos culturais. Este imaginário, ao ser retroalimentado pelas imagens midiáticas, por exemplo, ou propagandas direcionadas, podem criar um campo de atuação que se associa facilmente com a lógica da necessidade obrigatória de prosseguimento dos estudos. Ou seja, se por um lado as IES oferecem aquilo que traria o público para dentro de suas dependências, seria correto afirmar que as demandas dos discentes deveriam nortear essa oferta. No entanto, o que a pesquisa tem a intenção de expor são os limites dessa orientação, que está baseada apenas na compreensão lógica do mercado financeiro, da oferta e da procura, buscando verificar quais são as outras questões envolvidas no processo. Por outro lado, é possível relativizar a própria atração que é exercida sobre o público, como se este fosse um ser passivo e que estivesse à mercê de uma força irresistível, sem poder de escolha (ELIAS, 1994). Trata-se, portanto de um estudo envolvendo fatores que podem lançar luz sobre as razões pelas quais são estabelecidas as relações entre o público atendido pelas IES e sua lógica de funcionamento.

### **3. A distinção através da segregação e reflexões sobre o trabalho de campo**

O município de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, apresenta em sua história um desenvolvimento econômico ligado a indústria têxtil e ao comércio. Embora a fama conferida pelo período em que a família real frequentava a cidade, resultando em um imaginário de *glamour* e distinção em relação aos demais locais da região, a ação operária dos trabalhadores locais estabeleceu as verdadeiras bases para o crescimento da economia local (RIBEIRO, 2014). Apenas em 1981, 138 anos após sua elevação à categoria de cidade, Petrópolis recebeu o título de cidade imperial, através de um decreto presidencial. Este ato emblemático evidencia a busca de uma reafirmação da tradição que se deseja resgatar. O passado, marcado pela herança colonial predominantemente alemã

e pelo trabalho fabril são relegados a segundo plano. A primeira é celebrada apenas de forma concentrada anualmente, durante a *Bauernfest*, a festa do colono alemão. Já a segunda, está refletida no comércio têxtil local, que atrai consumidores de diversos pontos do estado e país. No entanto, todos os dois exemplos dessa herança histórica são ofuscados pela propaganda realizada em torno do título “nobre”. Com o declínio da indústria têxtil nas últimas décadas, acentuou-se essa publicidade, constituindo, portanto, uma alternativa para a economia, conferindo um status que o lugar tenta aproveitar até hoje.

O processo investigativo permite inferir que essa busca pela distinção trouxe vantagens para a cidade, mesmo que para isso, os remanescentes da família real portuguesa mantenham seu *status* social através das negociações fundiárias<sup>2</sup>, como o desenvolvimento do turismo, por exemplo. Porém, como toda criação de ritos quer remontam a buscar por um “passado histórico apropriado” (HOBBSAWM, 1984, p.10), existem elementos que conseqüentemente são deixados de lado. E um desses elementos é a segregação que acaba sendo inerente ao processo de distinção entre os diferentes agentes que constituem essa sociedade. Tal diferenciação é facilmente constatada pelo processo de ocupação desordenada principalmente nas encostas dos morros. Os moradores dessas áreas, que em sua maioria se autodeclaram afrodescendentes, apresentam histórias de vida com profundas dificuldades em relação à apropriação de seus direitos mais básicos, como acesso à educação de qualidade, por exemplo. Essa constatação pode levar a compreensão de uma ausência no protagonismo social. No entanto, a pesquisa apontou alguns indícios que permitem estabelecer que a forma com que a cidade se organiza, através dessa visão segregada em que os direitos e privilégios se confundem para uma parcela da sociedade local, pode exercer certa influência sobre os projetos de vida, principalmente dos mais jovens que estão à margem do padrão estabelecido. É preciso compreender dois pontos principais. Em que medida essa noção de “nobreza” está contida no imaginário desses jovens, na construção de suas trajetórias pessoais. E quais são as novas representações dessa pretensa distinção.

Dentre os elementos presentes nas narrativas e que podem ser corroborados através da análise de dados, anteriormente citada, são as mudanças que a sociedade brasileira sofreu nas últimas duas décadas, quanto à democratização

---

<sup>2</sup> Existe a cobrança de uma taxa pela transmissão de imóveis na cidade, o *laudêmio*, cujo valor é uma alíquota de 2,5% sobre o valor negociado. A avaliação do imóvel é realizada por um representante da Companhia Imobiliária do Príncipe, cujo valor não corresponde ao valor venal atribuído pela Prefeitura.

dos direitos, estendendo seu leque de oportunidades ao ingresso no Ensino Superior. Este nível de ensino, teve um grande crescimento no número de vagas ofertadas, seja pela expansão do número de IES, seja pela abertura de novos cursos, ou pelo aumento do número de vagas nos cursos existentes, através do desenvolvimento de modalidades como Ensino a Distância (EAD). Essa mudança no cenário educacional do país está associada à implementação de políticas que, em primeira análise, parecem estar ligadas ao fato de mais jovens chegarem ao fim do ensino médio, com isso, alcançando estudos superiores, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, lei nº 9394/96), em seus artigos 4º (inciso V) e 35 que prevê o Ensino Médio como preparação para que o estudante dê prosseguimento dos estudos. Somando-se a este fator, existem outras causas como aumento do nível salarial nos últimos trinta anos, ascensão da classe média (NERI, 2010), estabilidade econômica, entre outros que são indispensáveis à compreensão do contexto social, mas que não terão aprofundamento neste momento. O conjunto dessas informações pode apontar um projeto educacional, baseado na democratização do acesso para mais pessoas que antes deste período não consideravam possível alcançar aquilo que está presente na lei de 1996.

Neste sentido, esses jovens parecem transitar entre uma sociedade que reforça essa separação de classes e o avanço nas políticas públicas em educação, estabelecendo para si trajetórias que os projetem para um futuro diferente de seus pais. Tecem projetos que os enquadram na perspectiva daqueles que são os primeiros de suas famílias a alcançarem o ensino superior.

No caso específico da busca pela formação acadêmica, entre os entrevistados da pesquisa, quando indagados sobre o que os motivou para escolher determinada carreira, em primeiro lugar vem a influência da família, depois o status da profissão. No entanto, quando perguntados se estavam estudando o que queriam e o que sentiam em relação a isso, a maioria daqueles que responderam que não, apontaram para a necessidade empregabilidade e menor custo na formação, ou seja, os cursos de licenciatura – a maior parte deles na modalidade a distância – oferecem mensalidades e número de vagas atraentes para o grande público. Quando perguntados sobre aspectos que envolvem influências culturais, muitos tendem a hierarquizar as manifestações da cultura, relegando quase sempre à marginalidade aquelas que são oriundas das classes populares, muitas vezes de origem comuns às deles.

Dentre as histórias de trajetórias colhidas durante a pesquisa até o presente

momento, podem ser citados dois casos emblemáticos. O primeiro é o que aconteceu com um estudante do curso de direito, oriundo da rede pública estadual e de origem afrodescendente. O aluno conseguiu uma bolsa de estudos na instituição privada em que trabalhava como auxiliar de escritório e construiu para si um projeto que incluía seguir na profissão, atuando na própria cidade. Seguindo o discurso conservador da meritocracia, passou a acreditar que bastava aproveitar a oportunidade concedida em forma de benefício. No entanto, após dois anos de curso, passou a considerar a possibilidade de migrar para um curso mais “adequado” ao seu perfil. A mudança fora motivada pelos comentários depreciativos de colegas de faculdade, professores e profissionais da área do direito. As falas em geral o “aconselhavam” a rever seus conceitos, pois entre outras alegações, “não haviam negros advogados na cidade”.

O segundo caso diz respeito à aluna que construiu sua trajetória baseada no mercado de trabalho. Estudante de escola pública e com características semelhantes ao do aluno do primeiro exemplo, a jovem recém-saída do ensino médio, almejava uma carreira em uma área que garantisse estabilidade econômica, como administração ou direito. No entanto, esboçou o desejo de mudar de ideia em relação ao curso que gostaria de ingressar no ensino superior. Prestou inclusive o vestibular para Ciências Sociais em instituição na capital do Rio de Janeiro. Essa alteração, de acordo com a jovem, foi ocasionada pela presença marcante de uma professora de Sociologia que a incentivou no último ano do ensino médio. Sua responsável, porém, não permitiu que a estudante saísse da cidade e ela acabou optando pelo curso de História em IES na própria cidade.

Não se trata, portanto, da mera diferença e desigualdade social que os atores necessitam superar, mas o conjunto de normas e signos culturais que precisam ser apropriados caso queiram buscar a distinção através da articulação com outros grupos que poderiam ser considerados hegemônicos. No caso do estudante de direito, as limitações de seus pares de formação apontavam para uma manutenção da distinção através de um curso considerado elitizado. Já para a estudante que convergiu de uma área que supostamente seria mais rentável, os obstáculos estavam na dependência que ainda tinha com as redes de suporte familiar.

#### 4. Considerações finais

O resultado das investigações aponta para a presença no imaginário desses jovens, moradores da periferia, de uma distinção social que o acesso ao ensino superior supostamente poderia conferir. No entanto, contrapõem a excepcionalidade meritocrática que caracteriza a narrativa conservadora e o advento de uma nova narrativa. Nela o ensino superior ora se apresenta como um direito, ora como um produto passível de ser adquirido no mercado.

A forma como o diploma acadêmico é percebido pela população que tem sua origem nas classes populares fez com que algumas questões se conduzissem para pensar se a distinção surgia como um valor a ser buscado. Na tentativa de fazer parte de uma parcela da sociedade que possivelmente se distingue através do sucesso no campo educacional, os jovens entrevistados parecem almejar um curso superior como maneira possível de alcançar este sonho. Mesmo que estas verificações estejam presentes em outras pesquisas sobre o mesmo público, este trabalho, no entanto, buscou ir além da mera constatação de um possível desejo de ascensão social, mas sim determinar quais são os conceitos que regem esta vontade, moldando o imaginário de tal forma que criam derivações capazes de materializar projetos de vida (VELHO, 2003). Os elementos presentes nas narrativas demonstram uma visão de mundo por parte dos entrevistados que não parecem estar dispostos a negociar a qualquer preço suas realidades, pois, uma vez que a política de acesso nos últimos vinte anos, mesmo em instituições privadas, parece ter dado condições desses indivíduos de planejar seu futuro apoiando-se nas possibilidades.

#### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. Os excluídos do interior. In: \_\_\_\_ NOGUEIRA, Maria Alice; BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em: 13 jun. 2017.

CATANI, Afrânio (orgs). *Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 218-227.

\_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. São Paulo, Vozes, 2003.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, E. O processo civilizador : formação do estado e civilização. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1993. 2v.

\_\_\_\_\_ O processo civilizador : uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jurgman. 2 ed., Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1994. 1v.

GREGÓRIO, R. S. Petrópolis Cidade Imperial? Da Representação do Espaço aos Espaços de Representação. In: XII Encontro Latino-americano de Geografia, 2009, Montevideo. XII EGAL - Caminhando em uma América Latina em transformação, 2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaurbana/277.pdf>. Acesso em 13 jun. 2017.

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Informações Estatísticas. Disponível em: <http://ibge.gov.br/informacoes/estat1.htm> Acesso em 13 jun. 2017.

Neri, M. C. (Coord.). A nova classe média. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2008b.

\_\_\_\_\_ (Coord.). A nova classe média: o lado brilhante dos pobres. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2010.

POSTIC, M. O Imaginário na Relação Pedagógica, Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RIBEIRO, N. Petrópolis: cidade operária. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

SAMPAIO, H. O ensino superior no Brasil: o setor privado. São Paulo, Fapesp/Hucitec, 2000.

Velho, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

\_\_\_\_\_. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.